



# Do nascimento da rede até a ciberteologia

Recebido: 25/08/2016. Aprovado: 31/10/2016.

*Fernanda Estrella\**

**Resumo:** *Estamos em constante transformação. A humanidade descobriu o fogo, a eletricidade e mais recentemente, a internet: uma rede mundial de computadores, que interliga pessoas de todos os cantos do mundo de forma democrática e sem fronteiras. Esta rede possui um complexo de milhões e milhões de computadores interligados, que embora sem fios ou contato pessoal, vem aproximando as comunidades e as pessoas em apenas um clique. Curtir, compartilhar, marcar, check-in, postar, adicionar... Facebook, Snapchat, Twitter, Instagram, todas estas agora são palavras e atividades do dia a dia da grande maioria das pessoas. Estamos todos conectados. Antes mesmo de você ler a metade deste artigo, com certeza já terá recebido várias mensagens, torpedos, e-mails, e suas postagens serão curtidas por pessoas que você talvez nem conheça pessoalmente. Este artigo faz uma descrição da evolução desta rede, desde o seu início até os dias atuais. Neste contexto, foi realizado um trabalho de campo com um grupo de duzentos e cinquenta e nove profissionais. Os dados deste trabalho serviram de base para realizarmos reflexões sobre o uso da rede no cotidiano das pessoas, buscando comprovar, através desta amostra, o uso maciço das redes sociais. Do ponto de vista teológico, este artigo descreve o que é ciberteologia: sua origem, suas causas, suas consequências e de que forma ela está sendo utilizada e fazendo parte da vida dos internautas, além de abordar o que os principais autores sobre ciberteologia nos apresentam como teorias e suas implicações nos espaços de fé e de investigar? O que as Igrejas e religiões estão mudando neste contexto da virtualização da fé.*

**Palavras-chave:** *Internet. Redes sociais. Ciberteologia.*

**Abstract:** *We are constantly changing; the humanity discovered the fire, the electricity and now the Internet. This new world that connects people from all over the world on a democrat way and without borders is called network. A complex of millions of computers connect without wires or personal contact are making communities and people closer with only a click. Like, share, tag, check in, post, add... Facebook, Snapchat, Twitter, Instagram all this social media now are daily words and activities of mainly people. We are all connect, before you read half of this article, probably you have received a lot of messages, texts, e-mails, your posts were liked by people you don't even know personally. This article makes a description since the beginning of the network until nowadays. On this context we have realized a fieldwork between a group of two thousand and fifty nine professionals, the collected data served as the basis to accomplish reflections about the network usage on people daily and show by this data the massive use of social media..On the theological viewpoint the article describes what is cybertheology, its origin, causes, consequence and way that has been used and part of the netizen's life. The main authors of cybertheology show to us how theories and their implications on faith places. What the churches and religions are changing on the context of virtualization of faith.*

**Keywords:** *Internet. Social networks. Cybertheology.*

---

\* Doutoranda em Teologia, Educação e Religião, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS. Mestre em HIV-AIDS e Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS.



## 1 O nascimento

A Internet é o tecido de nossas vidas. Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na era industrial, em nossa época a Internet pode ser equiparada ao que foi uma rede elétrica ou um motor elétrico nessa era, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana. A internet passou a ser base tecnológica para a forma organizacional da era da informação: a Rede.<sup>1</sup>

O nascimento da Internet ocorreu no início dos anos 60, com a concepção do *time-sharing computing*,<sup>2</sup> que permitia a vários usuários partilhar os recursos de um computador. Em 1961, foi inventada uma teoria que permitia aos usuários repartir o fluxo das informações pelas redes; em 1964, foi desenvolvida outra teoria, denominada “Teoria das Redes”. No ano de 1965, dois computadores foram conectados entre si através de uma linha telefônica :esta foi considerada a primeira rede da história. Somente no ano de 1969, os computadores das universidades de Los Angeles, Stanford, Califórnia do Sul e Utah foram interligados, formando a chamada Arpanet. A Arpanet era uma rede científica de acesso reservado exclusivamente aos departamentos científicos aprovados pela DARPA, que nada mais era que um grupo elitizado, uma espécie de clube muito fechado de aristocratas iguais entre si. Atualmente, a Arpanet cedeu o lugar à Internet. A Internet, por sua vez, é uma rede igualitária, democrática, e pode ser montada por um indivíduo em sua própria residência, com seu próprio computador ou *lap-top*.

A Internet é livre de todo controle, estando este controle inteiramente sob a responsabilidade pessoal de cada usuário, sendo assim a responsabilidade coletiva. O que é coletivo? Totalmente coletiva? Este sistema provoca a imaginação de numerosos teóricos que viam, e ain-

<sup>1</sup> CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a.

<sup>2</sup> O **Multics** ou **Multiplexed Information and Computing Service**, era um conceito muito adiante do seu tempo – ou do nosso – e foi o primeiro sistema operacional de tempo compartilhado (CTSS – *Compatible Time-Sharing System*). Criado em 1964, quando seu projeto teve início, a última instalação operacional do Multics foi desligada apenas em 31 de outubro do ano de 2000. WIKIPÉDIA. *Multics*. [2016]. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Multics>>. Acesso em: 20 jul. 2016.



da veem, nela, a expressão de novos relacionamentos sociais, livre de qualquer hierarquia e domínio político.<sup>3</sup>

A partir da década de 1990, muitos provedores de serviços da Internet montaram suas próprias redes e estabeleceram suas próprias portas de comunicação em bases comerciais. A partir de então, a Internet cresceu rapidamente como uma rede global de redes de computadores.<sup>4</sup>

A rede é um local: um ambiente comunicativo, formativo e informativo, e não um “meio” a ser usado, como um martelo ou uma antena (esses exemplos devem ser contextualizados). A internet não é um simples instrumento de comunicação que se pode usar, mas um ambiente cultural que determina um estilo de pensamento e que cria novos territórios e novas formas de educação, contribuindo para definir também um modo novo de se estabelecerem relações. De fato, o ser humano não permanece imutável em seu modo de manipular o mundo: são transformados não só os meios com os quais se comunica, mas também o próprio homem e a sua cultura.<sup>5</sup>

A internet é a tecnologia que permeia o tecido social vigente nos dias atuais. Uma tecnologia que se desenvolveu a partir do final da década de 1960, sob a perspectiva de uma arquitetura aberta, da qual os produtores foram fundamentalmente usuários. A Internet tornou-se um dos maiores sistemas de comunicação já desenvolvidos, redefinindo os conceitos de tempo e espaço, criando novas possibilidades de acesso e de trocas de informações, de relacionamentos, de comércio, entre outros.<sup>6</sup>

Para Lévy<sup>7</sup>, a internet é um dos mais fantásticos exemplos de construção cooperativa internacional. A internet é uma mídia de acesso e não de difusão.

Segundo Toure, responsável pela agência de telecomunicações da ONU (Organização das Nações Unidas), os usuários de internet no mundo ultrapassaram os dois bilhões de pessoas no fim do ano de 2010.

<sup>3</sup> MOUNIER, Pierre. *Os donos da rede: as tramas políticas da internet*. São Paulo: Loyola, 2006.

<sup>4</sup> CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<sup>5</sup> SPADARO, Antonio. *Web 2.0: redes sociais*. São Paulo: Paulinas, 2013.

<sup>6</sup> VIEIRA, Daniel. *Comunicação, internet e religião: análise do programa duelo dos deuses*. 2015. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Relações Públicas, Ênfase em Produção Cultural, Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2015.

<sup>7</sup> LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.



Com a população mundial chegando aos 6,8 bilhões, a relação de quem está conectado à rede mundial de computadores é de quase uma pessoa em cada três. As previsões para 2015 eram ainda mais profundas.<sup>8</sup> Dados de 2015 apontam que o número de internautas no mundo já é de 3,2 bilhões no mundo, segundo dados divulgados no mês de maio de 2015 pela União Internacional das Telecomunicações, órgão vinculado à Organização das Nações Unidas.<sup>9</sup>

No Brasil, em 2013, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as regiões Sudeste (57%), Sul (53,5%) e Centro-Oeste (54,3%) registraram os maiores percentuais de utilização da internet, considerando-se todos os equipamentos. Já a região Norte teve a maior proporção (8,7%) de pessoas de 10 anos ou mais de idade que utilizaram a internet por meio de aparelhos com exceção do computador (celular, tablet, TV, etc.).<sup>10</sup>

Em relação ao número de domicílios, de acordo com a pesquisa, 48% deles tinham acesso à internet (31,2 milhões de residências). Desse total, 88,4% (ou 27,6 milhões) usavam a internet por meio de computador. No restante – 11,6% ou 3,6 milhões de domicílios, a utilização da internet era realizada através de outros equipamentos.<sup>11</sup>

A propagação da Internet foi muito rápida. De acordo com Castells<sup>12</sup>, a Internet tem o índice de penetração mais veloz do que qualquer outro meio de comunicação na história: nos Estados Unidos, o rádio levou trinta anos para chegar a sessenta milhões de pessoas; a TV alcançou esse nível de difusão em 15 anos; a Internet o fez em apenas três anos após a criação da teia mundial.

<sup>8</sup> CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<sup>9</sup> G1. *Mundo tem 3,2 bilhões de pessoas conectadas à internet, diz UIT*. 26 maio 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/05/mundo-tem-32-bilhoes-de-pessoas-conectadas-internet-diz-uit.html>>. Acesso em 21 jul. 2016.

<sup>10</sup> BARRUCHO, Luís Guilherme. IBGE: metade dos brasileiros estão conectados à internet; Norte lidera em acesso por celular. *BBC Brasil*, 29 abr. 2015. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150429\\_divulgacao\\_pnad\\_ibge\\_lgb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150429_divulgacao_pnad_ibge_lgb)>. Acesso em 21 jul. 2016.

<sup>11</sup> BARRUCHO, Luís Guilherme. IBGE: metade dos brasileiros estão conectados à internet; Norte lidera em acesso por celular. *BBC Brasil*, 29 abr. 2015. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150429\\_divulgacao\\_pnad\\_ibge\\_lgb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150429_divulgacao_pnad_ibge_lgb)>. Acesso em 21 jul. 2016.

<sup>12</sup> CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.



*Era digital*, mundo *virtual*, sociedade *internáutica*, são alguns dos diversos termos que vêm se incorporando ao nosso cotidiano e à nossa linguagem, a fim de definir um espaço sem fronteiras, onde impera o “imediatos” e multiplicam-se as possibilidades. As novas tecnologias da comunicação e da informação surgiram e proliferaram de forma tão veloz, que carecemos de tempo para absorvê-las, digeri-las e dominá-las. Nesse caso, o mais comum é que se passe a utilizar tais tecnologias, incorporando-as à vida cotidiana, sem mesmo perceber o quanto tais recursos favorecem novas formas de “estar” no mundo e de construir relacionamentos. São inquestionáveis as evidências da inserção da internet no nosso dia a dia. Mesmo aquelas pessoas mais avessas a tal tecnologia têm no seu cotidiano sinais e manifestações vinculadas a ela: já não podemos estar fora da rede.<sup>13</sup>

Não se pode negar que a internet contribui para a formação da opinião de muitas pessoas, desde a mais tenra idade, até os mais idosos, por meio de diversos tipos de informações disponíveis, sejam elas positivas ou negativas. Ela exerce influência nas maneiras de pensar, de agir, e na convivência em sociedade, seja em pequenos ou em grandes grupos.<sup>14</sup>

A factível mudança na forma de expressão das demandas e os percalços do desenvolvimento humano a partir do aparecimento das novas tecnologias da comunicação e da informação tem aumentado a preocupação com respeito ao uso da internet.<sup>15</sup>

A internet, de fato, reproduz antigas formas de transmissão do saber e da vida comum, exhibe nostalgia, dá forma a desejos e valores tão antigos quanto o ser humano. É verdade que a tecnologia sempre traz consigo uma “aura” que provoca espanto e também inquietação. Aliás, a rede hoje é um lugar a ser frequentado para ficar em contato com os amigos que moram longe, para ler notícias, para comprar livros, para marcar uma viagem, ou para compartilhar interesses e ideias.

As redes sociais na internet podem ser definidas como serviços baseados na web, que permitem aos indivíduos construir um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema limitado, articular uma lista de outros usuários com quem eles compartilham uma conexão, ver e percorrer

<sup>13</sup> WAGNER, Adriana. *Adolescência e comunicação virtual*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

<sup>14</sup> PINHEIRO, Felipe. *Ciberteologia: a comunicação da Igreja no séc. XXI*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

<sup>15</sup> WAGNER, Adriana. *Adolescência e comunicação virtual*. São Leopoldo: Sinodal, 2009



sua própria lista de conexões e aquelas feitas por outros usuários dentro do sistema. Atualmente, a rede social *Facebook* é a mais popular entre os internautas. Segundo dados da própria companhia, uma em cada três pessoas nos Estados Unidos – mais de 128 milhões de pessoas – visitam o *Facebook* todos os dias, e cerca de 24 milhões no Reino Unido fazem o mesmo. Já no Brasil, conforme aferição realizada no mês de março de 2013, o número de usuários que possuíam um perfil nessa ferramenta chegou aos 73 milhões, número elevado ao se considerar que, no país, existem 94 milhões de pessoas com acesso à internet, isto é, pessoas que dispõem de meios de acesso domiciliar à web, ainda que eventualmente não tenham feito uso.<sup>16</sup>

A literatura especializada apresenta determinadas lacunas a serem preenchidas e desafios a serem elucidados em relação a quais sejam os possíveis impactos, efeitos ou repercussões que essas redes poderão ocasionar na produção de sentidos ou, mais especificamente, na subjetividade de seus usuários.<sup>17</sup>

O papel do digital na sociedade contemporânea é, sem dúvida, ativo. No limite, o ciberespaço é o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Podemos esperar, portanto, que as consequências desse novo ciclo cultural, ou desse novo ambiente por nós habitado, sejam tão profundas no campo religioso quanto à emergência escrita, dos tipos móveis ou da eletricidade. A mídia, antes de repassar conteúdo, nos repassa experiências, de tal modo que é o meio a mensagem. Nas redes, não há centro nem periferia. Ao contrário, há um emaranhado de pontos que, de modo não linear e caótico, se inter cruzam numa zona rizomática: afinal, as estruturas arborescentes em sua constituição centrada e hierárquica são uma boa representação, capaz de satisfazer essa nova realidade. As redes digitais são marcadas por esse caráter extremamente interativo. Nas redes, só há comunicação de massa quando abandonamos posturas características da comunicação de massa, como a passividade, e inte-

<sup>16</sup> MARTORELL, Leandro Brambilla; NASCIMENTO, Wanderson Flor do; GARRAFA, Volnei. Redes sociais, privacidade, confidencialidade e ética: a exposição de imagens de pacientes no facebook. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 20, n. 56, p. 13-23, 2016.

<sup>17</sup> ROSA, Gabriel Artur Marra; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. Repercussões das redes sociais na subjetividade de usuários: uma revisão crítica da literatura. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p. 913-927, 2015.



ragimos com as interfaces comunicativas. Exclui-se nas redes qualquer forma de passividade.<sup>18</sup>

A rede é acéfala. É uma zona de “não-direito”, de liberdade absoluta. A rede é autogovernada e não é mais do que um monte de computadores ligados entre si. A rede não tem governo, nem poder centralizado, nem censura. Para muitos de nós, a internet é vista como um objeto místico, quem sabe teológico.<sup>19</sup>

## 2 Todos conectados

As pessoas estão cada vez mais conectadas através da rede social. Muitas vezes, elas deixam de viver em comunidade, de conversar com familiares ou de frequentar atividades sociais, para estar conectados a máquinas. Chegamos ao ponto de existirem pessoas que namoram pela rede e que somente se conhecem ao vivo no momento do casamento.

Do ponto de vista antropológico, podemos dizer que sempre existiu preocupação do *homo sapiens* com o conhecimento da realidade: a pesquisa, que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Ao realizar um trabalho de campo, os pesquisadores se aproximam dos atores e da realidade, e assim, constroem um conhecimento empírico importantíssimo. Desta forma, se consegue ligar e relacionar a teoria à prática. Toda pesquisa produz conhecimento e gera indagações novas.<sup>20</sup>

Para comprovar esta ligação direta entre teoria e prática, foi realizada uma pesquisa de campo, nos meses de março e abril de 2016, em um hospital da região metropolitana de Porto Alegre, onde foram pesquisados 259 profissionais da equipe de enfermagem, incluindo auxiliares de enfermagem, técnicos de enfermagem e enfermeiros. Os profissionais atuam em contato direto com pacientes e trabalham nos turnos da manhã, tarde e noite. Na pesquisa, assim como em todas as referências bibliográficas que possuímos até este momento em relação a este assunto, a

<sup>18</sup> AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. *A sacralidade digital: religiões e religiosidades na época das redes*. São Paulo: Annablume, 2014.

<sup>19</sup> MOUNIER, Pierre. *Os donos da rede: as tramas políticas da internet*. São Paulo: Loyola, 2006.

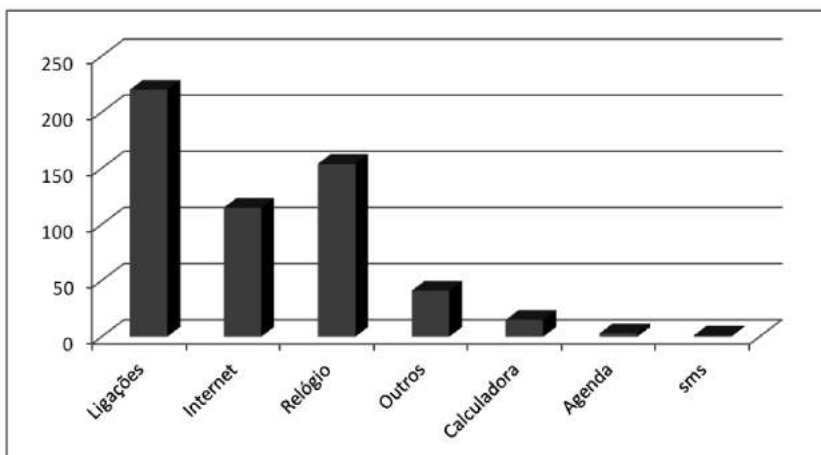
<sup>20</sup> MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.



maioria, quase absoluta, 99% (256) tem aparelho celular com acesso às redes sociais, ou seja, apenas 1% (3) não está ligado na rede.

O gráfico abaixo mostra as principais utilidades do aparelho celular pelos 256 entrevistados que possuem esta tecnologia:

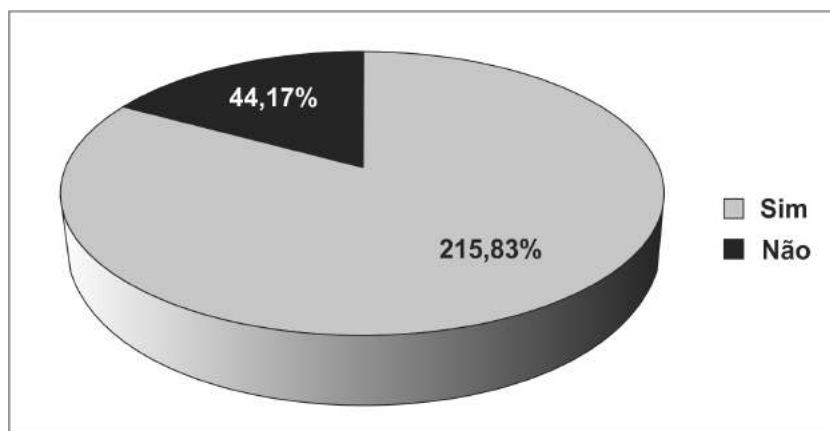
**Gráfico 1 – Utilização do aparelho celular**



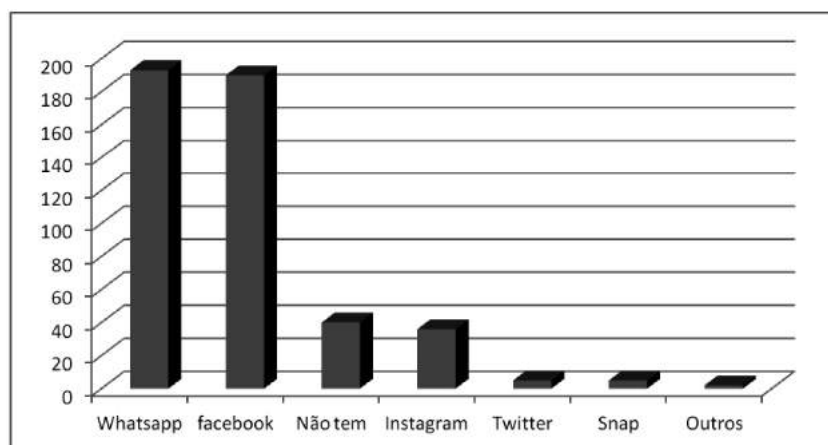
*Fonte: dados da pesquisa (2016).*

A utilização do celular para conectividade com a rede está bem próxima da sua real finalidade, que seria realizar e receber ligações telefônicas. Outro dado interessante da pesquisa é que 75% (194) dos pesquisados admitiu que mesmo durante o horário de trabalho acessa as redes sociais, pois não conseguem ficar desconectados da rede durante as suas cargas horárias de trabalho, que variam entre 6 e 12 horas.

Quando questionados sobre terem páginas ou acessos em redes sociais, 83% (215) dos entrevistados declararam que possuem uma ou mais páginas com acesso diário (Gráfico 2). As redes mais acessadas são as mesmas já citadas em outros trabalhos deste conteúdo: Facebook, Twitter, Snap, Whatsapp e Instagram (Gráfico 3).

**Gráfico 2 – Utilização das redes sociais**

Fonte: dados da pesquisa (2016).

**Gráfico 3 – Redes sociais que utilizam**

Fonte: dados da pesquisa (2016).

Essa pesquisa comprova o que a literatura nos apresenta: neste grupo analisado, a grande maioria está conectada nas redes sociais durante grande parte do seu dia. O uso da internet e de suas redes não é mais uma utopia, mas praticamente uma necessidade pessoal dos internautas. Tendo em vista este cenário, devemos ter em mente os temas e as abordagens que estão inseridos neste contexto. O que os internautas estão buscando nestas redes, o que eles “olham”, o que os fascina e os faz ficarem horas



e horas conectados, são perguntas que surgem a partir desta nova realidade, assim como surge um ponto de interrogação quando o ato de dar as mãos entre corpos reais e em tempo real é substituído por palavras digitadas ou imagens e sons gerados por um computador.<sup>21</sup>

A fé e a religiosidade não estão ausentes desses espaços compartilhados.<sup>22</sup> Ao contrário, podemos encontrar religião, espiritualidade e Igreja nessas redes. O próximo tópico vai nos mostrar de que modos e maneiras a rede e a religião se entrelaçam e se unem .

### 3 Rede e religião

Nas redes sociais podemos dizer que encontramos a *Religião vivida*, o que nada mais é do que uma forma de perceber elementos, conteúdos e formas religiosas na esfera dita “profana”, ou seja, fora da instituição religiosa, fora do culto, fora da própria esfera sagrada e fora da religião. Nas manifestações da religião vivida, diluem-se as próprias fronteiras entre o sagrado e o profano. Importa, sim, o uso que as pessoas fazem de seus conteúdos e formas, assim como a função da religião vivida na vida concreta.<sup>23</sup>

Podemos dizer que a internet também tem um profundo impacto sobre a formação da identidade religiosa dos fiéis.<sup>24</sup> Assim, se a internet traz consigo novas formas de lidar com o mundo – e, conseqüentemente, com o sagrado – a religião e a religiosidade, como tradicionalmente as conhecemos, também passam a mudar.<sup>25</sup>

É claro que a rede, com todas as suas inovações de fontes antigas, não pode deixar de ter um efeito na compreensão da fé e da Igreja. A Igreja está naturalmente presente onde o homem desenvolve a sua capacidade de conhecimento e de relações. Eis que a rede e a Igreja são duas

<sup>21</sup> DAWSON, Lorne L.; COWAN, Douglas E. *Religion online: finding faith on the internet*. Nova York: Routledge, 2004.

<sup>22</sup> SPADARO, Antonio. *Web 2.0: redes sociais*. São Paulo: Paulinas, 2013.

<sup>23</sup> ADAM, Júlio César. Religião vivida na mídia como subsídio para o ensino religioso. In: BRANDENBURG, Laude E. et al. (Orgs.). *Ensino religioso e docência e(m) formação*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 78-92.

<sup>24</sup> SPADARO, Antonio. Spiritualità ed Elementi per una Teologia della Comunicazione in Rete. In: *SEMINÁRIO DE COMUNICAÇÃO PARA OS BISPOS DO BRASIL (SECOBB)*, 2011, Rio de Janeiro. Anais... Brasília: CNBB, 2011.

<sup>25</sup> SBARDELOTTO, Moisés. “E o Verbo se fez bit”: uma análise da experiência religiosa na internet. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, v. 9, n. 35, 2011.



realidades “desde sempre” destinadas a se encontrar. Logo, o desafio não deve ser de que forma “usar” bem a rede, como geralmente se acredita, mas como viver bem nos tempos da rede. Nesse sentido, a rede não é um novo meio de evangelização, mas antes de tudo, um contexto no qual a fé é chamada a se exprimir, não por uma mera vontade de presença, mas por uma conaturalidade do cristianismo com a vida das pessoas.<sup>26</sup>

Os dispositivos móveis também já têm espaço para os religiosos. A Bíblia já pode ser lida e o terço rezado pelo Ipad, por exemplo. Essa chegada da religião ao mundo digital vem causando curiosidade em muitos pesquisadores, que começam a estudar o impacto que as tecnologias causam em instituições religiosas, e como estas devem não só utilizar, mas também pensar o ambiente digital. Além disso, muitos estudiosos começam a analisar qual o real desafio das religiões ao “entrarem” no mundo da Web 2.0.<sup>27</sup>

A maior parte das instituições religiosas está na rede<sup>28</sup>. Em vista da disseminação da rede, como declarou Joana Puntel, em entrevista para a Revista do Instituto Humanitas, o processo da midiatização da sociedade “nos permite concluir que, realmente, na cultura midiática, está nascendo um novo modo de ser religioso”. Ou seja, a sociedade, em todas as suas áreas e conceitos, está em plena mudança e pleno movimento. Já encontramos na rede digital missas on-line, velas eletrônicas, terços, bíblias on-line, inúmeras mensagens de autoajuda, religião e espiritualidade de todas as crenças e Igrejas.

Não há como não perceber, tampouco, como esconder: estamos em um mundo cujas relações são pautadas pelas tecnologias comunicacionais. Nossa época é notadamente marcada pela presença massiva de tecnologias de comunicação no cotidiano humano. Se todas as esferas da vida social foram abarcadas pelo avanço tecnológico, a experiência religiosa não passou incólume. Atualmente, várias pessoas, ligadas ou não a instituições religiosas, lançam mão dos meios de comunicação eletrônicos interativos como mediação para experiências religiosas.

<sup>26</sup> SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Conectividade).

<sup>27</sup> PUNTEL, Joana T. *Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Pastoral da comunicação: teoria da prática. Comunicação e cultura).

<sup>28</sup> MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

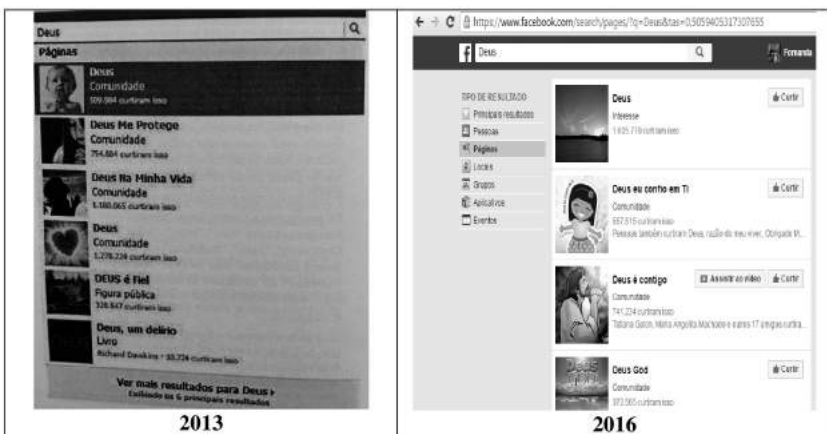


Velas virtuais, terços virtuais, velórios virtuais, peregrinações virtuais, são alguns exemplos recentes da experiência religiosa para o *cyberspace*.

Os meios eletrônicos de comunicação tornaram-se um poderoso aliado de evangelização das igrejas. As chamadas “igrejas eletrônicas”, que surgiram nos Estados Unidos, e se difundiram no Brasil desde o início da década de 80, hoje realizam transmissões ao vivo de cultos religiosos e programas de evangelização.<sup>29</sup>

Rigo, no livro *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*, escreve todo um capítulo onde compara Deus e o Google, intitulado “*E quando Deus vira Google?*”. Num primeiro momento, a expressão nos choca, e inclusive nos apavora, mas ao lermos o texto nos deparamos com as situações do dia a dia de todos nós. No texto, a autora realizou uma busca da palavra *Deus* no Facebook no ano de 2013, e encontrou 509.984 curtidas na comunidade com o título *Deus*. Pesquisando em 2016, a mesma comunidade até o momento possui 1.601.789 curtidas, ou seja, em três anos triplicou o número de curtidas. Isto mostra a velocidade de alcance e de substituição do real para o virtual.

**Figura 1 – Comparativo de comunidades no Facebook com o nome Deus**



Fonte: Maranhão Filho (2013).

<sup>29</sup> MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.



A autora também cita um texto adaptado do site *The Church of Google* e descrito no blog <<https://gambiarritos.wordpress.com/>>.

### **Prova Nº 1**

*O Google é a entidade existente mais próxima à onisciência (saber tudo), o que pode ser cientificamente verificado. Ele indexa mais de 9.5 bilhões de páginas de internet, o que é mais que qualquer outra ferramenta de busca na web hoje em dia. Não apenas o Google é a coisa mais próxima da onisciência, como ele também consegue fazer uma classificação de seu vasto conhecimento com o uso de sua tecnologia patenteada de PageRank, organizando e tornando-a acessível à nós, meros mortais.*

### **Prova Nº 2**

*Ele também é onipresente. O Google está virtualmente em todos os rincões da Terra ao mesmo tempo. As bilhões de páginas indexadas estão hospedadas nos mais diversos países. Com a proliferação das redes Wi-Fi, alguém poderia, eventualmente, acessar o Google de qualquer ponto da Terra, confirmando sua onipresença.*

### **Prova Nº 3**

*O Google responde às preces. Alguém pode fazer uma prece ao Google na forma de busca para a solução de qualquer problema que o esteja afligindo. Por exemplo, você pode facilmente encontrar tratamentos alternativos para as mais diversas doenças, maneiras de melhorar sua saúde, e novas e inovadoras descobertas médicas, na realidade qualquer coisa que lembre uma prece típica. Pergunte ao Google e ele lhe mostrará o caminho, mas ao mostrar o que ele pode fazer, você deve se ajudar daquele ponto em diante.*

### **Prova Nº 4**

*O Google é potencialmente imortal. Não há como o considerar um ser físico como nós. Seus algoritmos estão espalhados por milhares de servidores. Se algum fosse danificado ou desligado, outro indubitavelmente tomaria seu lugar. O Google pode, teoricamente, durar para sempre.*

### **Prova Nº 5**

*O Google é infinito. A internet teoricamente crescerá para sempre, e o Google para sempre indexará seu infinito crescimento.*

### **Prova Nº 6**

*O Google lembra tudo. O Google guarda em cache páginas da web e as guarda em vários servidores. Ao enviar seus pensamentos e opiniões à internet, você irá para sempre viver no cache do Google: mesmo que você morra, você continuará vivo no cache do Google.*



**Prova Nº 7**

*O Google “não é mau”, é benevolente. Isto é parte da filosofia corporativa do Google, que uma empresa não precisa ser má para ganhar dinheiro.*

**Prova Nº 8**

*De acordo com o Google, o termo “Google” é mais procurado que os termos “God”, “Jesus”, “Allah”, “Buddha”, “Christianity”, “Islam”, “Buddhism” e “Judaism” juntos. Deus é considerado uma entidade à qual nós, mortais, podemos recorrer em momentos de necessidade. O Google obviamente atende este requisito de maneira muito mais ampla que qualquer “Deus”, tal como mostrado na imagem abaixo.*

**Prova Nº 9**

*Evidências da existência do Google são abundantes. Existem mais evidências de que o Google existe que qualquer outro deus adorado nos dias de hoje. Afirmações extraordinárias exigem evidências extraordinárias. Se ver é crer, então vá até o Google.com e comprove você mesmo o Google.com, não precisa nem de fé.<sup>30</sup>*

A internet é uma ótima ferramenta para anúncio do Evangelho, contudo essa mesma ferramenta pode ser utilizada para outras finalidades. As redes sociais são marcadas por um caráter extremamente interativo. Nas redes não só há comunicação de massa, mas se exclui nas redes qualquer forma de passividade.<sup>31</sup>

Neste contexto, conseguimos perceber que as redes digitais estão em todos os lugares e momentos da vida, assim como a religião também está, demonstrando então que as duas estão totalmente interligadas. Esta interligação deu origem a um termo novo e ainda cheio de mistérios e indefinições: Ciberteologia.

## 4 Ciberteologia

A Ciberteologia não começa a tomar forma por acaso. Ela é o fruto de um ambiente que foi pré-moldado por meio de momentos distintos da história da humanidade, cujo ápice é a criação da Internet. Onde existe

<sup>30</sup> MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

<sup>31</sup> AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. *A sacralidade digital: religiões e religiosidades na época das redes*. São Paulo: Annablume, 2014.



interação humana, existe a possibilidade da prática religiosa. Pinheiro<sup>32</sup> descreve ciberteologia como a inteligência da fé nos tempos da rede. Susan George apresenta quatro possíveis definições:

- a) enquadra a Ciberteologia como teologia dos significados da comunicação social em tempos da internet e das tecnologias avançadas;
- b) entende como uma reflexão pastoral da forma de comunicar o Evangelho com as capacidades próprias da rede;
- c) interpreta como um mapa fenomenológico da presença do religioso na internet;
- d) como o singrar a rede entendida como lugar das capacidades espirituais.

A Ciberteologia pode ser definida de forma mais geral como aquilo que se pensa ou se diz a respeito de Deus na Internet. A Ciberteologia seria com isso:

- a) o estudo das formas de como Deus pode ser revelado e representado no ciberespaço; ou ainda,
- b) o estudo da forma de como a Teologia pode se adaptar, se expressar e se fazer mais presente na Internet.

Ela procura investigar os impactos que a internet exerce ou pode vir a exercer na área espiritual dos seus usuários; avaliar qual a melhor forma de fomentar o conhecimento de Deus; promover estratégias que tentam amenizar os impactos de grupos, e analisar e testar ferramentas que possam promover uma maior comunhão e um maior fortalecimento espiritual entre Igrejas e irmãos geograficamente distantes.<sup>33</sup>

A teóloga Debbie Herring<sup>34</sup> distinguiu três seções: teologia no, teologia do e teologia para o ciberespaço. A primeira recolhe materiais teológicos disponíveis na rede; a segunda proporciona uma lista de contribuições para o estudo do ciberespaço; a terceira consiste em uma coletânea de locais em que se faz teologia na rede.

<sup>32</sup> PINHEIRO, Felipe. *Ciberteologia: a comunicação da Igreja no séc. XXI*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

<sup>33</sup> PINHEIRO, Felipe. *Ciberteologia: a comunicação da Igreja no séc. XXI*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

<sup>34</sup> SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Conectividade).



Carlos Formenti<sup>35</sup> entende ciberteologia como o estudo das conotações teológicas da tecnociência, uma teologia da tecnologia. A revista *Concilium*, em 2005, definiu ciberteologia como o estudo da espiritualidade que se manifesta através da internet e das representações e imaginações hodiernas do sagrado.<sup>36</sup>

O presente momento pode ser, portanto, caracterizado pela tentativa, consciente ou não, de darmos novo campo à nossa religiosidade. Como indivíduos e como sociedade, estamos à procura de um veículo novo para substituir as religiões tradicionais e abrir campo à nossa religiosidade latente.<sup>37</sup>

Nesse contexto, a ciberteologia criou este espaço virtual e sem fronteiras. Este espaço está dentro dos nossos lares. Não precisamos mais sair de casa no frio, na chuva ou no calor, Deus está presente virtualmente. Podemos frequentar missas, celebrações, acender velas, rezar o terço, enfim viver a religiosidade no próprio sofá da casa.

## 5 Considerações finais

Estamos em constante processo de mudança e evolução, estamos perto e longe das pessoas ao mesmo tempo. Tudo é virtual, nem tudo é real, mas a diferença cabe a cada um de nós. Sentir o coração batendo durante um abraço, segurar a mão do irmão para uma prece, este prazer o virtual nos tirou. Porém, podemos orar junto com o nosso familiar que está no outro lado do planeta, isso o virtual nos privilegiou. A citação abaixo nos mostra esta nova realidade:

*A Internet penetra em todos os domínios da vida social e os transforma. Assim é uma nova configuração, a sociedade em rede, que está em gestação em todo o planeta, ainda que sob formas muito diversas entre um ponto e outro e com efeitos muito diferentes sobre a vida das populações, devido à sua história, sua cultura, suas instituições. O resultado que daí surgirá é indeterminado: dependerá de uma dinâmica contraditória, da eterna luta entre os esforços sempre renovados para dominar, para*

<sup>35</sup> SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Conectividade).

<sup>36</sup> SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Conectividade).

<sup>37</sup> FLUSSER, Vilém. *Religiosidade: a literatura e o senso de realidade*. São Paulo: Escrituras, 2002.



*explorar , e a defesa do direito de viver e de procurar dar um sentido à própria vida.*<sup>38</sup>

Desde a origem da internet, as relações e as visões do mundo não param de mudar, tudo é ainda muito recente. As consequências a médio e longo prazo ainda não sabemos ao certo, sabemos apenas que estamos envolvidos nesta rede, assim como peixes durante uma grande pesca. Não conseguimos mais sair, temos que conviver com todas as amarras e fraquezas desta rede. Não sabemos ao certo quem comanda quem, se a mídia define nossas condutas ou somos nós mesmos que damos as diretrizes para as tramas da rede.

Acontece a apropriação do sagrado pela mídia e a apropriação da mídia pelo sagrado. Na rede, o sagrado é a própria mídia.<sup>39</sup>

Quem comanda quem? Quando termina a mídia e começa a religião? Não sabemos e provavelmente não teremos esta resposta. O que sabemos é que, como mostrou a pesquisa, a internet e as redes sociais estão cada dia mais influenciando as pessoas. Este espaço pode ser e deve ser utilizado democraticamente pelas religiões para criar um ambiente de paz e união.

Trazer Deus para dentro desta rede, é demonstrar sabedoria e disposição para mudança nos paradigmas; é levar Deus para quem está acomodado dentro de casa.

Pensemos uma definição sucinta para Deus: “Deus é um espírito onisciente e todo-poderoso que está dentro e fora de nós. Deus está sempre conosco porque é onipresente. E um mistério, e não poderemos nunca entendê-lo”. A mesma definição se aplicaria às mídias na atualidade?<sup>40</sup>

## Referências bibliográficas

ADAM, Júlio César. *Deuses e liturgias nas mídias: a teologia prática como rastreamento da religião vivenciada.*

<sup>38</sup> RÜDIGER, Francisco. *Introdução às teorias da cibercultura: tecnocracia, humanismo e crítica no pensamento contemporâneo.* 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

<sup>39</sup> MIKLOS, Jorge. *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura.* Aparecida: Idéias e Letras, 2012.

<sup>40</sup> ADAM, Júlio César. *Deuses e liturgias nas mídias: a teologia prática como rastreamento da religião vivenciada.* SCHAPER, V. et al. (Orgs.). *Deuses e Ciências: a teologia contemporânea na América Latina e no Caribe.* São Leopoldo: Faculdades EST; Santiago do Chile: USACH, 2010.



ADAM, Júlio César. Religião vivida na mídia como subsídio para o ensino religioso. In: BRANDENBURG, Laude E. et al. (Orgs.). *Ensino religioso e docência e(m) formação*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 78-92.

AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. *A sacralidade digital: religiões e religiosidades na época das redes*. São Paulo: Annablume, 2014.

BARRUCHO, Luís Guilherme. IBGE: metade dos brasileiros estão conectados à internet; Norte lidera em acesso por celular. *BBC Brasil*, 29 abr. 2015. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150429\\_divulgacao\\_pnad\\_ibge\\_lgb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150429_divulgacao_pnad_ibge_lgb)>. Acesso em 21 jul. 2016.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a.

DAWSON, Lorne L.; COWAN, Douglas E. *Religion online: finding faith on the internet*. Nova York: Routledge, 2004.

FLUSSER, Vilém. *Religiosidade: a literatura e o senso de realidade*. São Paulo: Escrituras, 2002.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. *Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

MARTORELL, Leandro Brambilla; NASCIMENTO, Wanderson Flor do; GARRAFA, Volnei. Redes sociais, privacidade, confidencialidade e ética: a exposição de imagens de pacientes no facebook. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu*, v. 20, n. 56, p. 13-23, 2016.

MIKLOS, Jorge. *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura*. Aparecida: Idéias e Letras, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOUNIER, Pierre. *Os donos da rede: as tramas políticas da internet*. São Paulo: Loyola, 2006.

PINHEIRO, Felipe. *Ciberteologia: a comunicação da Igreja no séc. XXI*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.



PUNTEL, Joana T. *Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Pastoral da comunicação: teoria da prática. Comunicação e cultura).

ROSA, Gabriel Artur Marra; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. Repercussões das redes sociais na subjetividade de usuários: uma revisão crítica da literatura. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p. 913-927, 2015.

RÜDIGER, Francisco. *Introdução às teorias da cibercultura: tecnocracia, humanismo e crítica no pensamento contemporâneo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SBARDELOTTO, Moisés. “*E o Verbo se fez bit*”: uma análise da experiência religiosa na internet. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, v. 9, n. 35, 2011.

SCHAPER, V. et al. (Orgs.). *Deuses e Ciências: a teologia contemporânea na América Latina e no Caribe*. São Leopoldo: Faculdades EST; Santiago do Chile: USACH, 2010.

SPADARO, Antonio. Spiritualità ed Elementi per una Teologia della Comunicazione in Rete. In: *SEMINÁRIO DE COMUNICAÇÃO PARA OS BISPOS DO BRASIL (SECOBB)*, 2011, Rio de Janeiro. Anais... Brasília: CNBB, 2011.

SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Conectividade).

SPADARO, Antonio. *Web 2.0: redes sociais*. São Paulo: Paulinas, 2013.

VIEIRA, Daniel. *Comunicação, internet e religião: análise do programa duelo dos deuses*. 2015. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Relações Públicas, Ênfase em Produção Cultural, Universidade Federal do Pampa, São Borja, 2015.

WAGNER, Adriana. *Adolescência e comunicação virtual*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

*E-mail da autora:*  
festrella1975@gmail.com